

EUCARISTIA, «CUME» E «FONTE» DA VIDA CRISTÃ:

A Preparação da Eucaristia
no Momento "Anterior" a Celebração

Prof. Dr. Pe. José Raimundo de Melo, SJ

RESUMO

O presente artigo, de cunho eminentemente pastoral, que busca refletir sobre a preparação para a eucaristia no tempo "anterior" à sua celebração, elemento este de imensa importância em vista de uma ação litúrgica mais profunda, consciente e animada.

Palavras-Chave: Liturgia, Eucaristia, Igreja

ABSTRACT

The current article, deals eminently with pastoral, that looks to reflect about the preparation for the Eucharist in it's 'former' celebration. this element of imense importance in view of a deeper, conscience and lively liturgical action.

Key Words: Liturgy, Euchrist, Chuch, Abstract.

INTRODUÇÃO¹

Todos sonhamos com uma missa dominical celebrada junto ao povo de forma viva, dinâmica, bem organizada e bem compreendida, enfim, com uma celebração que responda positivamente àquela insistente recomendação do Concílio Vaticano II: promover a participação *ativa, consciente e plena* na liturgia.

¹ Várias partes deste artigo foram publicadas ao longo do ano 2006 na Revista *Mensageiro do Coração de Jesus*, na coluna *Liturgia* que ali assinamos.

Todavia, a verdade de nossas celebrações quase sempre denuncia que estamos longe disso. Como organizar uma missa de tal modo a fazê-la momento profundo de encontro com o Senhor e com os irmãos? Como tornar a eucaristia expressão autêntica da vida espiritual? Como celebrar bem aquela que, de justo modo, é afirmada como o vértice de toda a Igreja? Esses são grandes desafios que sempre nos acompanham, em especial, nos nossos tempos pós-conciliares.

Estejamos, porém, cientes de uma coisa: como tudo na vida, uma missa tal não surge por acaso. Para que tudo corra bem, para que cada coisa naturalmente ocupe aí o seu devido lugar e exerça a sua precisa função é necessário, além da ação divina nos corações e das disposições espirituais dos fiéis, uma suficiente preparação da celebração litúrgica em seus vários aspectos, tanto materiais como espirituais. Ora, se a liturgia, especialmente a liturgia eucarística, apresenta-se como ápice e fonte da vida da Igreja (cf. SC 10), importa então organizar toda a sua celebração de maneira a exprimir, por palavras, ritos, gestos e posições do corpo a realidade do mistério de Cristo que através destes sinais se faz presente à comunidade celebrante.

O culto litúrgico, portanto, não é algo fixo e estático que a assembléia já recebe pronto, acabado e adaptado à sua realidade. Mas, a partir dos elementos comuns que a Igreja oferece, e que indicam de justo modo a substancial unidade eclesial em torno da *lex orandi*, que exprime a mesma *lex credenti*, cada assembléia deve organizar e dispor a sua específica celebração. Para isso é imprescindível que a comunidade, cada vez que se reúne para a missa, saiba bem preparar e bem “montar” a sua própria ação celebrativa, recebendo a colaboração de todos aqueles que possam ajudá-la a cultuar melhor o mistério de oferecimento de Cristo ao Pai, causa de sua convocação e razão derradeira de sua existência. São inúmeras as possibilidades oferecidas atualmente com vistas a se chegar a uma profunda e intensa celebração da eucaristia, tanto a partir dos documentos que desde o último Concílio do Vaticano a Igreja tem publicado sobre a liturgia, como pelas inúmeras idéias que a sensibilidade artística, a ciência da comunicação, o senso comum e o bom gosto não deixam de sugerir. Em síntese podemos dizer que uma celebração será tão mais significativa e profunda quanto melhor preparada for nos seus vários elementos, sejam externos que internos.

Entre os elementos externos merece atenção a disposição de todo o espaço celebrativo, a acústica, a iluminação, o conforto e o tratamento visual

do ambiente. Mas isso não é tudo. Precisamos ainda e sobretudo cuidar das pessoas, levando em conta sua necessidade de preparação em vista da celebração. Interagem aí então a questão da adaptação da celebração à assembléia celebrante, o sério problema da verdade e coerência exigida aos ministros celebrativos (comunicação, empatia, clareza de expressão) e a busca incessante do bem dos fiéis em cada celebração. E também não podemos esquecer do gesto tão necessário quanto fundamental de acolhida dos fiéis na porta da igreja pela equipe responsável, maneira gentil e eficaz de lhes inserir no coração da assembléia.

Depois, já no interior da missa, cada parte precisa ser bem cuidada, bem organizada. Os comentários, os textos, os momentos de silêncio, os cantos, as súplicas e orações precisam exprimir a verdade de uma Igreja que se põe em diálogo com o seu Senhor. E isso desde o momento inicial de saudação dos irmãos, empreendido por quem preside a assembléia, até o momento de sua despedida no final da celebração. Todavia, desta parte interna da missa, como já dissemos, nos ocuparemos num próximo artigo.

Mas, para que uma assembléia consiga se preparar convenientemente para a ação litúrgica faz-se necessária a atuação de dois tipos de equipes de trabalho, as quais desenvolvem função imprescindível antes, durante e depois da ação litúrgica. Trata-se da “Equipe de Liturgia” e das “Equipes de Celebração”. A respeito da função litúrgica de cada uma dessas equipes, falaremos logo a seguir.

Contribuindo no sentido de que cada missa com o povo seja de fato um momento-síntese da vida cristã de nossas comunidades é que traçamos abaixo, e em grandes linhas, esse amplo quadro dos elementos que se fazem mais urgentes e necessários em vista de se preparar uma celebração eucarística profunda, intensa, criativa, alegre, viva e intimamente participada por todos.

I. O SERVIÇO LITÚRGICO DA EQUIPE DE LITURGIA E DAS EQUIPES DE CELEBRAÇÃO

1. A colaboração que a comunidade celebrante necessita

A principal finalidade da reforma litúrgica empreendida por decisão do IIº Concílio do Vaticano foi levar o povo cristão a, de novo, aproximar-se da liturgia e a liturgia a, naturalmente, reaproximar-se do povo cristão. E isso

tem se realizado através de um grande esforço da Igreja, que ultimamente procurou reformar, simplificar e atualizar todo o seu complexo litúrgico.

Até épocas bem próximas ao Concílio, a liturgia na verdade, era coisa que interessava apenas e exclusivamente ao clero. O próprio uso da língua latina já era uma barreira suficiente grande a impedir qualquer tentativa de aproximação ou de maior compreensão por parte da maioria dos fiéis do que no altar se realizava. Assim, e por longo tempo, o povo cristão foi apenas mudo expectador de um ritual belo, mas distante, e totalmente fora de sua compreensão. Isso fez que a celebração se tornasse para o povo apenas um espetáculo. Sem dúvida, tratava-se de um espetáculo santíssimo; porém, apenas um espetáculo!

A reforma litúrgica, empreendida nos anos pós-conciliares, modificou profundamente tal situação. Esta reforma, porém, não surgiu do nada, mas foi longamente fermentada através de séculos e, de forma intensíssima, nos mais de 50 anos de atuação do chamado Movimento Litúrgico Clássico. O Movimento Litúrgico se constituiu numa grande movimentação religiosa e litúrgica, que invadiu a Igreja cristã a partir dos inícios do século XX, buscando tornar a liturgia familiar aos fiéis. Atuando paciente e corajosamente em todo o mundo², inclusive no Brasil³, o Movimento Litúrgico foi pouco a pouco preparando o povo fiel, tanto no aspecto espiritual como litúrgico, para as grandes reformas que seriam enfim levadas a efeito pelo futuro Concílio Vaticano II.

Agora vivemos numa Igreja bastante diferente daquela existente 50 ou 60 anos atrás. Se antes a participação do povo nos atos celebrados era dispensável, agora se tornou essencial. Por isso, a partir de então, cada cristão é convidado a ser membro eclesial ativo, a oferecer a sua própria colaboração. E é aqui que surge a necessidade de formar boas equipes de liturgia e de celebração que possam atuar de forma eficiente e ordenada na liturgia, contribuindo para a participação de todos.

Assim, na realização do culto litúrgico que a assembléia cristã unida a Cristo-Cabeça oferece ao Pai no Espírito Santo, grande importância têm a

² Para uma visão de conjunto sobre o Movimento Litúrgico mundial, tenha-se presente: BOTTE B., *O movimento litúrgico. Testemunho e recordação*. São Paulo: Paulinas, 1978 (= Igreja-Eucaristia 6).

³ A respeito do Movimento Litúrgico no Brasil: SILVA J.A., *O Movimento Litúrgico no Brasil. Estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

equipe de liturgia e as equipes de celebração, pois executam um trabalho de imensa importância em terreno litúrgico. Em nenhuma diocese, paróquia ou comunidade deveria faltar estas equipes, pois seu serviço é imprescindível para a correta vivência e participação de todos na liturgia. Podemos mesmo dizer que a profundidade e a riqueza de toda a reforma litúrgica numa determinada comunidade se perderá caso venha a faltar aí este trabalho essencial das equipes de liturgia e celebração.

Mas, o que vem a ser propriamente uma equipe de liturgia e uma equipe de celebração? Para que servem estas equipes e como devem atuar na comunidade litúrgica? Por equipe de liturgia e equipe de celebração entendemos a mesma coisa ou entre elas existe alguma diferença?

2. A equipe de pastoral litúrgica

Consideremos a *Equipe de Liturgia*. Levando-se em consideração a liturgia de uma paróquia, a equipe de pastoral litúrgica aí atuante é aquele grupo composto pelo pároco e por fiéis possivelmente provenientes de vários segmentos da estrutura paroquial, que se encarregam da organização da inteira vida celebrativa local. Deste modo, a equipe de liturgia não se dedica propriamente a executar funções litúrgicas na comunidade, mas busca articular, promover, coordenar e animar o jeito litúrgico de ser da paróquia ou da comunidade. Exatamente por isso, não é possível haver uma boa equipe de liturgia que não conte com a presença do pároco, já que ele é o encarregado último pela vida litúrgica das comunidades que lhe foram confiadas e, via de regra, o que habitualmente preside as várias celebrações.

A equipe de liturgia apóia e promove o culto, cuidando de tudo aquilo que, em geral, nos ajuda a celebrar melhor, mas sem descer aos particulares de cada celebração. A equipe de liturgia seria a grande gerenciadora da vivência litúrgica a nível diocesano, paroquial ou comunitário.

3. As equipes de celebração

As chamadas *Equipes de Celebração* são as que realizam as tarefas litúrgicas concretas em cada celebração da paróquia. Melhor ainda, a equipe de celebração é a que ajuda os fiéis a realizar a missa e os vários sacramentos nos pormenores. Daí que numa dada paróquia deveria haver

uma única equipe de liturgia, para organizar a expressão litúrgica que ali em geral é celebrada, e várias equipes de celebração, cada uma dessas encarregadas de executar nas comunidades as deliberações da equipe de liturgia, adaptando-as ao diferente jeito de ser de cada grupo.

Tomemos um exemplo capaz de esclarecer esta função. Numa paróquia onde exista, por exemplo, uma missa às 19 hs. do sábado, outra às 7 hs. da manhã do domingo, ainda outra domingo às 9 hs., batizados às 11 hs. e missa dominical às 19 hs.; várias celebrações dos sacramentos do matrimônio e da unção dos enfermos e, ainda, freqüentes celebrações de exéquias, deveria haver distintamente uma equipe de celebração para a missa do sábado à noite, uma para a missa do domingo às 7 da manhã, uma terceira equipe de celebração para a missa das 9 hs., uma quarta equipe para auxiliar os batizados das 11 hs., equipe de celebração para a missa das 19 hs. e também uma equipe de celebração para auxiliar a administração da unção dos enfermos, uma para o matrimônio e ainda outra para o rito das exéquias. Todavia, a liturgia de toda esta paróquia deveria ser organizada por uma só equipe de liturgia, composta pelo pároco e por membros representantes das várias equipes de celebração.

4. Função precisa da equipe de liturgia e das equipes de celebração

Na paróquia, pois, deve haver uma equipe de liturgia e várias equipes de celebração. Mas passemos agora à descrição das atividades que tocam a cada uma delas. Já vimos que a equipe de liturgia coordena toda a vida litúrgica da paróquia, dando o “tom” próprio à liturgia naquela determinada Igreja local, escolhendo o que não deve ser ali celebrado, o que deve e como deve ser celebrado, de acordo com o mais vivo espírito litúrgico.

Cuidará assim da promoção de cursos e treinamentos no âmbito da liturgia e do canto na paróquia, se responsabilizará pelos livros e folhetos a serem usados nas várias missas, treinará cantores, animadores e comentaristas para as diversas ações litúrgicas, dará apoio ao trabalho dos diáconos e dos ministros extraordinários da comunhão eucarística, promoverá a formação bíblico-litúrgica dos que presidirão celebrações na ausência de presbíteros, etc.

Esta equipe se reunirá com o pároco ou responsável pela comunidade todo mês ou sempre que for necessário animar ou rever a liturgia local.

A equipe de celebração, por sua vez, cuidará das coisas concretas de uma determinada celebração, não sendo porém necessário que seja ela quem execute materialmente cada um dos serviços. A ela caberá dividi-los entre os membros da assembléia, esforçando-se para que tudo saia a contento e que a comunidade possa celebrar uma liturgia participada, animada, devota, orante.

Geralmente cabe à equipe de celebração determinar numa dada comunidade as pessoas que ficarão na porta da igreja recepcionando os fiéis, distribuindo folhas para o canto e encorajando o povo a participar intensamente da ação litúrgica. Mas ela cuidará também da distribuição das leituras entre pessoas que possuam boa dicção e sejam capazes de bem comunicar a mensagem divina, dos comentários, símbolos, gestos, cantos e orações ali realizados. Estará atenta à qualidade e limpeza dos objetos utilizados no culto da assembléia e também dos instrumentos musicais. Organizará ainda as várias procissões, prestará atenção às crianças, doentes e idosos, providenciará assentos para todos e será o elo de união entre o que preside e a comunidade celebrante.

Para isso deve conhecer previamente o conteúdo de cada ato que se vai celebrar, a fim de situá-lo tanto no tempo litúrgico, como na vida concreta da comunidade, bem como garantir o respeito do indivíduo e a participação diferenciada que cada um é chamado a desenvolver na celebração. Seu serviço é promover a integração de todos na liturgia, de modo que dela se participe de modo ativo, consciente e frutuoso.

Cada equipe de celebração deverá reunir-se, num determinado dia toda semana, para preparar todo o serviço litúrgico. Para tal é necessário seguir um roteiro que a possa guiar na organização litúrgica a que se propõe. Mas deverá também se encontrar rapidamente após cada celebração, juntamente com quem aí tomou parte ativa, para uma breve revisão do ato celebrado. Isso ajudá-la-á a avançar velozmente no caminho litúrgico, levando-a a evitar o que foi menos conveniente ou o que impediu a participação do povo.

É, portanto, imprescindível a presença atuante da equipe de liturgia e de equipes de celebração em qualquer comunidade que queira viver com atenção, intensidade e respeito a experiência litúrgica na qual se realiza, em Cristo e na força do Espírito, a nossa própria redenção.

II. DISPOSIÇÃO GERAL DO AMBIENTE CELEBRATIVO

1. A importância do ambiente na ação cultural

É inegável a importância que o ambiente externo ocupa no conjunto de uma celebração litúrgica. Não é o mesmo celebrar numa capela e celebrar numa praça, sob uma árvore; é diferente celebrar num ambiente anteriormente preparado para a ação litúrgica e celebrar numa qualquer sala; é diverso celebrar numa igreja pequena e celebrar numa grande catedral. Isso porque o ambiente “fala”, é “expressivo” em relação ao que ali se realiza.

Ora, para que a assembléia possa celebrar dignamente e comodamente a ceia do Senhor, a eucaristia dos cristãos, é necessário tanto a ação de Deus em nossas vidas, como a nossa abertura a ele e à sua inspiração, conforme acima recordávamos. Todavia, também é importante podermos contar com um ambiente que corresponda ao tamanho e às exigências específicas da assembléia que ali se reúne. Por isso, o primeiro número da *Instrução Geral sobre o Missal Romano*⁴ de maneira oportuna afirma:

“Quando ia celebrar com seus discípulos a ceia pascal, onde instituiu o sacrifício do seu Corpo e Sangue, o Cristo Senhor mandou preparar uma sala ampla e mobiliada (Lc 22,12). A Igreja sempre julgou dirigida a si esta ordem, estabelecendo como preparar as pessoas, os lugares, os ritos e os textos para a celebração da Santíssima Eucaristia. Assim, as normas atuais, prescritas segundo determinação do Concílio Vaticano II, e o Novo Missal... são provas da solicitude da Igreja, manifestando sua fé e amor imutáveis para com o supremo mistério eucarístico, e testemunhando uma contínua e ininterrupta tradição...”.

Este texto é fundamental para criar em nós profunda consciência sobre a necessidade de estarmos bem preparados e de bem prepararmos o conjunto das coisas que concorrem numa celebração. Além da disposição geral das pessoas, de que nos ocuparemos no capítulo seguinte, trata-se de bem dispor “os lugares”, isto é, a casa e tudo o que fará parte deste espaço

⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, in: 3ª Edição Típica do Missal Romano, 2002 (edição para o Brasil aprovada pela CONGREGAÇÃO em carta de 30 de julho de 2004). Tal *Instrução* é citada ao longo deste artigo em sua nova numeração, como aparece nesta 3ª edição Típica do *Missal*. A seguir, citada pelas iniciais IGMR.

celebrativo. Mas não podemos esquecer “os ritos”, ou seja, o conjunto de gestos e de símbolos através dos quais a comunidade expressa a celebração do mistério de Jesus Cristo. Por fim, importa ainda cuidar dos “textos” para a celebração da santíssima eucaristia, o que inclui não só os livros materialmente falando, mas tudo aquilo que o livro litúrgico oferece: leituras da Sagrada Escritura, preces, orações, bênçãos, etc. Tudo isto constitui o conjunto de elementos que concorre na celebração da eucaristia do Senhor. Hoje, como ontem, a preocupação com cada um desses itens é fundamental em vista de se organizar uma celebração litúrgica viva, expressiva, digna, nobre, plena, participada.

Deixando de lado uma maior consideração sobre o espaço celebrativo da comunidade como um todo⁵, prossigamos percorrendo brevemente sobre aqueles elementos que, presentes neste mesmo espaço, podem servir a uma mais completa comunicação da assembléia com Deus e com os irmãos.

2. Antes ainda de se chegar à igreja para a celebração

Não basta que uma igreja seja edificada e esteja aberta ao público. Toda uma série de requisitos são necessários para que um espaço litúrgico possa apresentar-se como tal. E muitos desses requisitos deveriam se manifestar já bem antes do cristão entrar na igreja.

Tomemos inicialmente o caso de alguém que deseje participar da missa em uma de nossas comunidades ou paróquia. Se ele desconhece o horário da missa é provável que a primeira coisa a fazer seja telefonar indagando quanto ao horário. Imaginemos a seguir que esta pessoa ao telefone tenha a má sorte de ser atendido por alguém da igreja desprovido de paciência e que, além disso, esteja atarefado e atrasado nos seus afazeres. Certamente o que telefonou, se procurava se informar com detalhes sobre as coisas da igreja, é possível que tenha que ouvir poucos e bons insultos, o que o pode levar a desistir naquele momento ou até definitivamente de freqüentar qualquer igreja, fechando-se conseqüentemente para as coisas de Deus. Tal acontece porque infelizmente o nosso povo costuma confundir as coisas de

⁵ Para uma aproximação à questão do espaço global de celebração da assembléia litúrgica, bem como a cada um dos seus elementos, consulte-se o nosso artigo: “O espaço de celebração da comunidade cultural. Considerações a partir dos documentos pós-conciliares”, in: REB 58 (1998) 329-349.

Deus com as da Igreja, sendo poucos os que conseguem separar devidamente esses dois setores.

É, pois, de fundamental importância que o povo seja sempre muito bem acolhido e muito bem tratado em nossas igrejas, pois tal pode até levar alguém à abertura ou ao fechamento diante da religião. Pode-se mesmo desistir de viver uma vida cristã ao se sentir mal atendido ou desrespeitado por um outro que, segundo espera-se, dado o fato de que está mais próximo das coisas da Igreja, deveria ser para os demais modelo de abertura e de equilíbrio. Atendendo educadamente ao telefone ou respondendo delicadamente a alguém que se dirige a nós numa igreja estaremos anunciando de forma viva o Evangelho do Senhor Jesus, o qual nos manda tratar bem a todos, sem distinção. Acolhendo bem o outro acolhemos bem a Deus que se nos manifesta no outro. Redobremos, pois, nossa atenção ao prepararmos e nomearmos alguém para atender o público em nossas comunidades!

Outro elemento que não pode ser descuidado ao se edificar igrejas novas e possivelmente ao se reformar aquelas antigas, refere-se ao espaço a ser conservado em torno do edifício e à atenção para com diversos elementos aí relacionados. Nas cidades, quando a maioria dos fiéis usa automóveis particulares para se locomover, pensa-se sempre em dotar a igreja de um bom estacionamento para veículos? O arquiteto lembrou-se de afastar a igreja da calçada, evitando que o barulho da rua intranqüilize a assembléia nos seus momentos de celebração? Foram previstas áreas ajardinadas e parques para a diversão das crianças? Dotou-se a entrada da igreja de rampas e corrimãos prevendo-se o acesso de pessoas idosas e/ou portadoras de deficiências físicas? Foram edificados banheiros de fácil acesso para o público e estes se apresentam continuamente organizados e limpos?

Todas estas são questões altamente importantes que solicitam a atenção de todos os que cuidam da edificação e adaptação de espaços celebrativos.

3. Acústica, som, iluminação, disposição e conforto do ambiente

Uma boa acústica e uma aparelhagem sonora adaptada ao tamanho e às disposições do espaço, são elementos essenciais a qualquer assembléia litúrgica. Não se pode construir uma igreja sem levar em conta a maneira concreta como nela o som e a voz se propagarão. Um ambiente edificado com má acústica é o modo mais simples de se destruir a emissão sonora e as proclamações verbais que naquele espaço serão emitidas.

Uma igreja espaçosa, mas sem uma adequada aparelhagem de som, além de ineficaz, pode indicar pouco caso para com a palavra de Deus ali anunciada e celebrada. Assim, as técnicas acústicas devem ser postas a serviço da mensagem a ser difundida na assembléia litúrgica. Por se tratar mesmo da palavra de Deus, a sonorização das igrejas deve ser tal que consiga uma digna transmissão da mensagem do Senhor. Em vista de uma correta disposição destes elementos, é indispensável o parecer de técnicos nesta área. Por isso, a Igreja exige para os seus edifícios de culto a implantação de instrumentos técnicos modernos que possibilitem boa audição⁶.

Um outro dado não menos importante no espaço da assembléia é a sua correta iluminação. Esta, mais que permitir aos fiéis observarem as pessoas, movimentos, ritos, objetos e nos guiarmos naquele espaço, tem a significativa função de concentrar a atenção no mais importante, colocando em segundo plano ou excluindo momentaneamente elementos dispensáveis. A luz é força, é vida, energia, mas a sua correta utilização pode sobretudo contribuir a concentrar o olhar, ajudar à oração, promover o silêncio, conduzir à ação ordenada; em uma palavra, proporcionar a participação, diferenciando-a⁷.

Todavia, a luz, o som, a imagem, os gestos rituais e os demais elementos do mesmo gênero que entram no conjunto da celebração da assembléia, não têm só um valor funcional, utilitário. Para além disso, eles são ainda carregados de um sentido simbólico, icônico, que exerce um papel fundamental no culto litúrgico da comunidade.

A disposição e o conforto do ambiente entram também como fundamentais no culto. Sentir-se bem, sentar-se bem, encontrar-se bem é a melhor maneira de iniciar a celebrar bem. Cuidado especial deve-se dar à disposição do lugar dos fiéis na assembléia⁸, pois tal contribui também para uma mais perfeita participação de todos no ato litúrgico. É por isso que a IGMR 293, interessando-se pela disposição geral do lugar sagrado, afirma a necessidade de se

⁶ Cf. IGMR 311; *Vicesimus quintus annus* 8: [JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Vicesimus quintus annus*, 4 de dezembro de 1988 (no 25º aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium*): AAS 81 (1989) 898-918].

⁷ Cf. *Ordo Lectionum Missae* 34: [SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS SACRAMENTOS E DO CULTO DIVINO, *Ordo Lectionum Missae [Praenotanda]*, (*Elenco das leituras da Missa [Introdução]*) 2ª ed., 21 de janeiro de 1981. Cf. a "Introdução" do *Elenco* no início do *Lecionário Dominical A, B e C*]. A seguir citado pelas iniciais OLM.

⁸ Cf. IGMR 311; *Inter Oecumenici*, n. 98: [SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Inter Oecumenici*, 26 de setembro de 1964 (1ª instrução para a devida aplicação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*) in: AAS 56 (1964) 877-900].

providenciar nas igrejas todos aqueles elementos, correspondentes à nossa época, que contribuem para uma justa comodidade dos fiéis.

4. O elemento visual na assembléia

O elemento visual merece ser cuidadosamente considerado. A liturgia, nas suas várias ações e atividades, utiliza bastante o código visual. E tudo aquilo que é nobre, belo, de acordo com o mistério que se celebra, deve, na medida do possível, ser usado, para que também através do sentido da visão, possamos realizar uma celebração digna e cativante, capaz de nos pôr em intensa comunicação com o Senhor e com os irmãos.

O elemento visual é importante para todos, crianças, jovens, adultos, idosos. Mas em se tratando de missas com crianças ele é especialmente exigido. Assim o *Diretório para missas com crianças*⁹ apresenta uma série de sugestões práticas que podem ser bem usadas nas celebrações. Este inteiro documento não cessa de dar idéias neste campo, mas os artigos 35-36 se interessam especificamente em apresentar a questão do elemento visual na liturgia¹⁰.

Indica-se o uso dos elementos visuais na liturgia para crianças, exatamente porque eles são capazes de concorrer para uma mais profunda compreensão do mistério celebrado na assembléia. Especial atenção deve-se ter com aqueles elementos que recorrem nas grandes comemorações ao longo do ano litúrgico. Mas, para além dos elementos visuais tradicionalmente relacionados com a liturgia, são aconselhados ainda o uso de outros, con-

⁹ SACRA CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO, *Diretório para Missas com crianças* (“*Pueros baptizatos*”), 1 de novembro de 1974, AAS 66 (1974) 30-46; (publicado no Brasil no n. 11 dos Documentos da CNBB, 2ª parte).

¹⁰ Pela importância deste assunto para a pastoral e pela particular clareza com é descrito, apresentamos a seguir os dois artigos: “A própria liturgia da Missa contém muitos elementos visuais a que se deve dar grande importância nas celebrações para crianças. Merecem especial menção certos elementos visuais próprios dos diversos tempos do ano litúrgico, por exemplo: a adoração da cruz, o círio pascal, as velas na festa da apresentação do Senhor, a variação de cores e ornamentações litúrgicas. Além destes elementos visuais próprios da celebração e de seu ambiente, introduzam-se, oportunamente, outros que ajudem as crianças a contemplar as maravilhas de Deus na criação e na redenção e sustentem visualmente sua oração. Nunca a liturgia deverá aparecer como algo árido e somente intelectual” (*Ibid.* 35). “Por esta mesma razão, pode ser útil o emprego de imagens preparadas pelas próprias crianças, como, por exemplo, para ilustrar a homilia, as intenções da prece dos fiéis ou para inspirar a meditação” (*Ibid.* 36).

correndo para que se entre na liturgia com todos os sentidos, não apenas com a mente.

Convém insistir que uma tal sensibilidade para a utilização de elementos visuais não deve se restringir apenas às ações litúrgicas com crianças. Também nos atos celebrados com adultos estes meios devem ser utilizados com inteligência e criatividade, pois todos sentimos necessidade de entrar na celebração com todo o nosso ser. Aqui se poderia recordar, por exemplo, a função das cores na liturgia, também elas capazes de nos inserir mais intimamente no ambiente celebrativo e no espírito geral da ação cultural. Infelizmente os últimos documentos da Igreja, lançados após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, não se apresentam suficientemente sensíveis a tais aspectos.

Certo é que enquanto na sociedade cada vez mais se utiliza meios audiovisuais modernos para a comunicação, nas ações litúrgicas da assembléia especialmente na celebração da missa, permanecemos instalados na monótona leitura dos folhetos litúrgicos, os quais atrapalham mais do que ajudam a cultuar o mistério máximo da nossa redenção. É verdade, porém, que os documentos eclesiais sobre a missa jamais aconselham o uso do folheto durante a eucaristia¹¹, embora estes tenham se tornado comuns nas nossas igrejas. Curioso é compreender como pessoas do nosso tempo, acostumadas aos modernos instrumentos de comunicação, consigam pacientemente “suportar” uma celebração eucarística em que o folheto é quase a única coisa que não se pode jamais perder de vista.

Ao elemento visual se associa também a questão da beleza na ação sagrada da assembléia, já que o belo impregna particularmente o sentido da visão. É importante aí a presença do belo, porque sendo ele sinal e símbolo das coisas divinas, eleva a alma na contemplação do Criador, promove a

¹¹ Veja-se como exemplo o texto do OLM, no qual o folheto litúrgico não é indicado como instrumento a ser usado durante a ação litúrgica, mas apenas como ajuda na preparação da celebração: “... os livros das leituras utilizados nas celebrações, por respeito à dignidade da Palavra de Deus, não sejam substituídos por outros subsídios pastorais, por exemplo, por folhetos que se fazem para que os fiéis preparem as leituras ou as meditem pessoalmente” (OLM 37).

¹² Cf. SC 122-124; IGMR 288.295; CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Presbyterorum Ordinis* 5; *Inter Oecumenici* 90; *Eucharisticum Mysterium* 24: [SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucharisticum Mysterium*, 25 de maio de 1967 (sobre o culto do mistério eucarístico), in: AAS 59 (1967) 539-573].

piedade dos fiéis e manifesta a santidade dos mistérios¹². A beleza da liturgia, bem como a dignidade, seriedade e sacralidade dos seus ritos contribuem para uma maior percepção, no seio da comunidade cristã, da salvação que o culto sagrado se faz portador¹³.

Dignidade e beleza são elementos que nenhuma celebração da assembléia pode dispensar, sob pena de não manifestar convenientemente o mistério cultuado. A beleza deve se fazer presente nos edifícios e objetos de culto¹⁴, nas vestes litúrgicas¹⁵ e em vários outros elementos empregados na ação cultual.

Elegância e beleza são ainda importantes nas traduções dos textos litúrgicos em língua vulgar, em correspondência com a riqueza interior do seu conteúdo¹⁶. Os livros litúrgicos devem ser igualmente cuidados, mesmo na sua apresentação exterior, pois eles exercem um papel significativo, também a nível visual, no culto litúrgico da assembléia¹⁷.

5. Os livros, as vestes e os objetos utilizados na liturgia

Atenção e cuidado devemos ter ainda com os livros e demais objetos usados na liturgia, bem como em relação às vestes litúrgicas. Todos sabemos que uma igreja limpa e bem arrumada expressa nossa solicitude para com o Senhor e seu mistério que ali é celebrado. Por isso, os utensílios usados geralmente na liturgia e aqueles empregados na ornamentação do espaço celebrativo, têm também ocupado a atenção da Igreja a partir da última reforma. A IGMR 292 observa que, na ornamentação das igrejas, deve-se eleger a nobre simplicidade, não a pompa, cuidando-se da autenticidade dos materiais, educação dos fiéis e dignidade do local sagrado. A verdade do sinal vai também determinar maior preocupação quanto à aparência e qualidade de elementos como o pão e o vinho empregados no culto¹⁸, os símbolos litúrgicos¹⁹,

¹³ Cf. *Liturgicae instaurationis* 11: [Sagrada CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO, Instrução *Liturgicae instaurationes*, 5 de setembro de 1970 (3ª Instrução para a aplicação da Constituição SC): AAS 62 (1970) 692-704]; *Vicesinus quintus annus* 10.

¹⁴ Cf. IGMR 288.292.

¹⁵ Veja abaixo nota 20.

¹⁶ Cf. *Liturgicae instaurationes* 11.

¹⁷ Cf. OLM 35-37.

¹⁸ Cf. IGMR 319-324.

¹⁹ Cf. OLM 35.

e quanto à autenticidade nas cruzes, velas, e demais objetos usadas pela assembléia litúrgica²⁰.

A IGMR insiste afirmando que as vestes litúrgicas contribuem também para a beleza da ação sagrada. “As diferentes cores das vestes sagradas visam manifestar externamente o caráter dos mistérios celebrados, e também a consciência de uma vida cristã que progride com o desenrolar do ano litúrgico”²¹. Além do mais, “deve-se atender com todo o cuidado às coisas que estão ligadas diretamente com o altar e a celebração eucarística, como sejam, por exemplo, a cruz do altar e a cruz que é levada em procissão”²². Tenha-se ainda “o cuidado de observar as exigências da arte também em coisas de menor importância, e de sempre aliar uma nobre simplicidade a um apurado asseio”²³.

A respeito dos livros litúrgicos, o n° 4 do Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, *Cum nostra aetate*²⁴, com razão advertia: “A medida, a apresentação exterior e as características de impressão dos livros destinados ao uso litúrgico sejam tais a favorecer a beleza e o respeito devido aos livros litúrgicos”. Deste modo, decoro e reverência são critérios a serem levados em conta na confecção dos livros usados na liturgia.

A razão de tal veneração em relação ao livro litúrgico não deve ser buscada em questões puramente exteriores, ou num desejo exagerado de ritualismo, mas no próprio mistério que o livro significa e transmite à comunidade dos fiéis:

“O texto litúrgico, enquanto documento ritual, é um meio de comunicação oral. Ele é, de início, um sinal sensível pelo qual os homens que rezam se comunicam entre si. Mas, para os crentes que celebram a liturgia, a palavra é, ao mesmo tempo,

²⁰ Cf. *Paschalis sollemnitatis* 69.83: [CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO, *Paschalis sollemnitatis*, Carta às Conferências Episcopais e Comissões litúrgicas nacionais, 16 de janeiro de 1988 (sobre a preparação e celebração das festas pascais) in: *Notitiae* 24 (1988) 81-107].

²¹ IGMR 345; cf. n. 335.

²² *Ibid.* 350. “Entre as coisas necessárias para a celebração da Missa, honram-se especialmente os vasos sagrados e, entre eles, o cálice e a patena, onde se oferecem, consagram e consomem o vinho e o pão” (n. 327).

²³ *Ibid.* 351.

²⁴ Decreto “*Cum nostra aetate*”: [SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, *De editione librorum liturgicorum* (“*Cum nostra aetate*”), 27 de janeiro de 1966 (sobre a edição dos livros litúrgicos): AAS 58 (1966) 169-171; *Notitiae* 2 (1966) 172-174].

mistério: através dos termos pronunciados, é o próprio Cristo que fala a seu povo, e o povo responde a seu Senhor: é a Igreja que fala ao Senhor e exprime a voz do Espírito que a anima”²⁵.

A preocupação com o livro das leituras é especialmente ressaltada no OLM:

“Os livros de onde se tiram as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, os gestos, os lugares e a demais coisas devem suscitar nos ouvintes o sentido da presença de Deus que fala ao seu povo. Portanto é preciso cuidar que também os livros, que são na ação litúrgica sinais e símbolos das realidades superiores, sejam de fato dignos, decorosos e belos (cf. SC 122)”²⁶.

III. DISPOSIÇÃO DOS AGENTES CELEBRATIVOS

1. A importância da assembléia na ação cultural

Além da disposição geral do ambiente para a missa, aspecto mais material, importa também, e com maior razão, bem dispor os indivíduos que agirão ao longo da mesma, bem como adaptar a celebração à particular assembléia celebrante. O primeiro e principal agente a ser levado em conta é a própria assembléia dos fiéis. A sua preparação deve iniciar através de uma correta catequese bíblica e litúrgica antes ainda da celebração²⁷, sem-

²⁵ Instrução “*Comme le prévoit*” 5: [Consilium, *De interpretatione textuum liturgicorum* (“*Comme le prévoit*”): Instrução às Conferências Episcopais e Comissões litúrgicas, 25 de janeiro de 1969 (normas para a tradução popular dos textos litúrgicos): Ed. francesa: *Notitiae* 5 (1969) 3-12].

²⁶ OLM 35; O n. seguinte, tratando do Evangelário, assim se expressa: “Sendo o anúncio do Evangelho o ponto alto da Liturgia da Palavra, as tradições litúrgicas, tanto do Oriente como do Ocidente, sempre fizeram uma certa distinção entre os livros das leituras. O livro do Evangelho era adornado e preparado com máximo cuidado, e era objeto de veneração mais do que qualquer outro livro destinado às leituras. Assim, pois, é muito conveniente que também em nossos dias nas catedrais e, pelo menos, nas paróquias e igrejas maiores e mais freqüentadas, haja um Evangelário formosamente adornado e diferente do livro das outras leituras. Com razão este mesmo Evangelário é entregue ao diácono na sua Ordenação e, na Ordenação episcopal, é colocado e sustentado aberto sobre a cabeça do eleito” (OLM 36).

²⁷ A evangelização e a catequese de todos em vista da liturgia é um sério empenho que deve ser urgentemente promovido nas diversas comunidades locais, especialmente pela equipe litúrgica. Sabemos bem como tais elementos devem estar à base de qualquer verdadeira vida cristã.

pre em vista do culto. Mas, além desta iniciação ampla, que deve atingir os cristãos em tempo muito anterior à reunião da assembleia, se faz mister prepará-los continuamente através da mistagogia²⁸, bem como preparar os vários ministros que, postos à frente das assembleias, estão especialmente encarregados de guiá-las e servi-las.

São vários os ministérios que na liturgia se fazem atuantes. Entre eles reveste especial importância, pela função que exerce, o presidente da assembleia eucarística, bispo ou presbítero. Os diáconos também executam papel litúrgico de relevo, que deve ser valorizado. A estes se associam os leitores, os acólitos, salmistas, comentadores, cantores, grupo de canto, ministros extraordinários da comunhão eucarística, encarregados de acolher os fiéis à porta da igreja e de conduzi-los aos assentos, responsáveis pelas coletas, pelo som ambiente e pela ventilação, os que cuidam dos idosos e das crianças presentes na celebração, etc. Certo é que, quanto mais intensa é a participação de todos e mais viva é a assembleia, tanto maior é o número de serviços que no seu interior se fazem necessários.

Todos os que tomam parte direta na liturgia deveriam normalmente integrar equipes de celebração, encarregadas da preparação de cada missa

E, embora seja verdade que evangelização e catequese também são oferecidas durante a celebração, esta não se destina primariamente a tal coisa. Assim, quem se reúne para celebrar já deveria ter sido anteriormente bem evangelizado e suficientemente catequizado; do contrário, dificilmente compreenderá o que celebra. Grande parte da chamada "crise da liturgia" em nossas comunidades, quando o povo não entende o que está celebrando, é provocada não por uma liturgia em si incompreensível, mas pela falta de evangelização e catequese de muitos fiéis, levados que são à missa sem terem sido convenientemente preparados para tal. Recordemos que na Igreja antiga somente os plenamente iniciados na fé participavam da missa completa; os catecúmenos dela se retiravam logo após a homilia... Ora, para que as pessoas se aproximem da liturgia, faz-se necessário que antes sejam chamadas à fé e à conversão, pois a liturgia não esgota toda a ação da Igreja, nos dirá o n° 9 da *Sacrosanctum Concilium*. A seguir este mesmo texto, citando a intuição da carta de Paulo aos romanos, completará dizendo: "E como invocarão a quem não acreditaram? Ou de que modo crerão se não ouvirem? E de que modo ouvirão, se ninguém os pregou? E de que modo pregarão se não foram enviados? (Rm 10,14-15)".

²⁸ Iniciação mistagógica é a que se realiza por meio dos mistérios celebrados, isto é, através da compreensão dos próprios ritos que compõem o momento sacramental. Na mistagogia, o conhecimento provém diretamente do que é vivenciado na celebração. Trata-se de uma metodologia muito usada nos primeiros tempos da Igreja, em especial pelos Santos Padres, mas que foi infelizmente substituída na Escolástica do 2º Milênio pela reflexão racional dos mistérios da fé. Ultimamente a mistagogia volta a ser proposta na Igreja como eficaz possibilidade de se fazer equilibrada teologia. A respeito deste assunto consulte-se: GIRAUDDO C., *Redescobrimo a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2002; Id., *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

²⁹ Cf. acima, capítulo I; veja ainda: CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 76, n. 215 (= Documentos da CNBB, n. 43).

e, na medida do possível, distintas da equipe de pastoral litúrgica, que de modo estável coordena toda a liturgia da comunidade local, paroquial ou diocesana²⁹. Recordemos aqui que são funções das equipes de celebração conhecer previamente o conteúdo de cada ato eucarístico, para situá-lo no tempo litúrgico e na vida concreta da comunidade, bem como garantir o respeito do indivíduo e da participação diferenciada que cada um é chamado a desenvolver no ato celebrativo. Lembremos que cabe ainda a esta equipe escolher os cantos, ritos, gestos e orações mais apropriados ao grupo, de modo a organizar os atos celebrados como um momento intenso, alegre e participativo, um momento de festa para o Senhor e com o Senhor. A celebração se constitui num ponto alto de verdadeira festa, exatamente porque nela o Senhor está presente³⁰.

Uma assembléia que queira ser digna e autêntica na sua liturgia, não pode desprezar nenhum destes cuidados. Eles respondem de certa forma àquele importante conselho democrático que a IGMR 352 oferece aos sacerdotes: faça-se a escolha das partes da missa de comum acordo com os ministros e com todos os que exercem alguma função especial na celebração, inclusive os fiéis no que de modo direto a estes se refere.

2. Adaptação da celebração à assembléia celebrante

Uma assembléia litúrgica plenamente digna desse nome deverá ser sempre uma assembléia adaptada. De fato, a adaptação da liturgia à assembléia celebrante é a única verdadeira possibilidade de realização daquela participação ativa, frutuosa e consciente que tanto almeja a Igreja dos tempos atuais.

Conforme nos sugerem os textos, grosso modo podemos distinguir dois tipos de adaptação litúrgica, uma mais branda e mais fácil de realizar, pois não toca a raiz do culto (cf. SC 38-39), e outra adaptação intensa ou extraordinária, que envolve aspectos profundos da celebração (cf. SC 40). Mas, além

³⁰ A presença do Senhor na assembléia é, sem dúvidas, o maior motivo de festa. Com razão já afirmara São João Crisóstomo a propósito: "Quando Cristo está presente em meio à assembléia, qual outro argumento de festa se deve procurar? Onde existe uma doutrina sagrada e a oração, onde se encontram as bênçãos dos Padres e a acolhida da lei divina, onde há um encontro de irmãos e o vínculo da verdadeira caridade, onde se processa um colóquio com Deus e o discurso de Deus com os homens, como poderá acontecer que aí não se realize uma celebração festiva?" (IOANNIS CHRYSOSTOMI, *De Anna*, 5,1 [= PG 54, 669]).

destas, deve-se falar ainda em uma pequena acomodação, também prevista nos livros litúrgicos, e que interessa a cada assembléia particular. Todos estes tipos são aqui importantes, pois a liturgia deve procurar adaptar-se perfeitamente às várias assembléias que a celebram, diversas não só em escala espaço-temporal, mas também na especificidade que caracteriza cada uma delas. Necessitamos assim de uma adaptação mais radical, para fazer a liturgia corresponder intensamente ao gênio e à cultura do povo que a celebra (inculturação), de uma aproximação interativa entre a liturgia e a cultura (aculturação), bem como daquela pequena adaptação que leva a liturgia a corresponder mais e melhor a uma singular assembléia celebrante (acomodação). Estes passos, porém, na prática devem se realizar de maneira inversa, iniciando pela acomodação, passando à aculturação, para chegar à inculturação³¹.

Tratando em particular da preparação de uma assembléia eucarística, interessa-nos inicialmente a acomodação. Isso porque, como já assinalamos, a liturgia eucarística, reformada a partir do Vaticano II, não é nem poderia ser uma liturgia já pronta e adaptável à todas as situações dos diferentes povos, nações e comunidades, mas necessita se acomodar às peculiaridades próprias de cada assembléia que a celebra. É função do grupo que prepara a celebração, descobrir quais são as acomodações possíveis de serem introduzidas cada vez no culto, sempre com a precisa finalidade de promover aquela participação intensa e integral que aproxima admiravelmente tanto o povo da liturgia, como a liturgia do povo³². Todavia não se pode perder de vista a inculturação, meta de toda adaptação, a qual se constitui propriamente como o futuro da liturgia³³.

3. Verdade e coerência nas pessoas, nos gestos e nos ritos da celebração

A busca de coerência, verdade, sinceridade, e respeito nos atos celebrados talvez seja um dos frutos mais significativos que a última reforma litúrgica

³¹ Importa observar as razões de antepor a aculturação à inculturação in: A. Chupungco, *Liturgias do futuro. Processos e métodos de inculturação*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 34-36.

³² Levando-se em conta o tipo e a cultura de cada povo, e com devida autorização, alguns gestos e expressões podem ser bem utilizados na liturgia, como a dramatização de algumas leituras, uma procissão em ritmo de dança, utilização de cartazes, retro-projetores, slides, vídeos etc. A liturgia que sempre acolheu elementos visuais em vista de intensificar a sua celebração, pode hoje perfeitamente lançar mão destes modernos e importantes recursos (cf. CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, p. 66, n. 207).

³³ Cf. A.CHUPUNGCO, *Liturgias do futuro*, pp. 60-105.

proporcionou ao culto eclesial. E é de uma densidade tal, que até hoje não conseguimos colher todas as suas implicações e riquezas a nível pastoral. Com efeito, interessava à reforma não só organizar melhor a liturgia, como também excluir todos aqueles elementos menos autênticos que ao longo dos séculos foram se acumulando no seu interior, para assim levar a inteira Igreja a se aproximar o quanto possível da rica e profunda experiência de espiritualidade cultural que caracterizara os seus primitivos tempos.

Toda a Constituição litúrgica do Vaticano II é como uma resposta a esta nova exigência de verdade na celebração. E também as inúmeras passagens dos documentos do magistério da Igreja no pós-concílio tendem a comprovar a mesma tendência. Uma liturgia plena e coerente deve partir sempre das pessoas, passar pelos seus comportamentos e gestos celebrativos, para chegar até os utensílios e objetos usadas na ação litúrgica, com o propósito de oferecer o melhor de nós mesmos a Deus no culto.

A primeira consideração relevante sobre as pessoas na liturgia dos nossos tempos nos é dada pela SC 28, cujo texto é retomado pela IGMR nn. 5 e 91, quando diz que na liturgia todos, ministros ou fiéis, façam tudo e só aquilo que lhes compete. Nestas palavras devemos ler não só a atenção da Igreja em dividir e ordenar as suas diversas funções hierárquicas, mas também e sobretudo o cuidado em respeitar e promover o importante papel litúrgico do leigo, tão desprezado nos tempos anteriores ao último Concílio. Não é sem razão que no início da IGMR, este texto apareça exatamente num contexto em que se descreve de modo positivo o povo de Deus e o seu sacerdócio régio. A autenticidade do sinal exige que cada um exerça com verdade e dignidade a sua função própria na liturgia, seja ele leigo, sacerdote, diácono ou exerça outro ministério, e esta realidade deve entrar na consideração de todos aqueles que prepararam a celebração.

Importante é ainda a organização do complexo gestual que a assembléia é chamada a realizar na liturgia, já que nesta celebramos com todos os nossos sentidos. Deve-se pois ter máxima atenção pelo modo como se celebra³⁴; convém recordar que cada ação gestual na liturgia têm o seu particular significado, o qual pode ser promovido ou desprezado, dependendo da

³⁴ Cf. *Eucharisticum Mysterium* 20; *Dominicae Cena*e 9, 11 e 12: [João Paulo II, Carta *Dominicae Cena*e, aos bispos da igreja universal, 24 de fevereiro de 1980 (sobre o mistério e o culto da Ssma. Eucaristia): AAS 72 (1980) 113-148].

assembléia que celebra. Daí a necessidade de se evitar o grave problema da pressa na celebração³⁵. Na organização e realização da celebração, deve-se levar em conta a necessidade de alcançar um sábio equilíbrio, superando a pressa que compromete o sentido, a verdade, a beleza e o respeito dos sinais pelos quais as coisas divinas são representados. Todavia, deve-se evitar também uma liturgia excessivamente longa, que de igual modo prejudica a compreensão e participação do povo³⁶.

4. Comunicação, empatia e clareza dos ministros

Trata-se aqui de um importante meio que, se bem utilizado pelos ministros, é capaz de promover na assembléia um bom nível de comunicação e participação. É claro que comunicação, empatia, clareza são dons quase naturais que alguns têm mais e outros menos. Eles, porém, podem ser trabalhados pela força da vontade humana e por meio de exercícios, tal como ocorre na educação em geral, no teatro, nas várias representações.

Neste sentido, é fundamental àquele que preside e a todos os que exercem ministério particular no culto, conhecer os vários modos de comunicação com a assembléia através da palavra³⁷.

Os ministros podem assim ajudar os fiéis a se tornarem verdadeiros participantes comunitários e conscientes do memorial do Senhor.

A responsabilidade dos proclamadores da palavra na assembléia é enorme, como já havia recordado o OLM 14³⁸. Também na missa com crianças, o presidente deve estar atento a bem comunicar com o seu comportamento, dignidade, clareza e simplicidade de gestos, elementos estes de grande valor para as crianças³⁹.

³⁵ Cf. OLM 28; *Dominicae Cenae* 12; *Paschalis sollemnitatis* 91.

³⁶ A propósito deste necessário equilíbrio a ser buscado na celebração, consulte-se a *Vicesimus quintus annus* 10. Neste sentido a IGMR 321, por exemplo, já pede que por respeito à verdade do sinal, a matéria da celebração da eucaristia pareça realmente um alimento que possa ser partido, dando força ao gesto da fração como símbolo de unidade da assembléia que reunida em torno do mesmo altar, partilha de um mesmo pão. Também a IGMR 348 sugerirá que as alfaias destinadas ao culto sejam dignas e condizentes com o fim a que se destinam.

³⁷ Cf. *Eucharistiae participationem* 17: [Sagrada Congregação do Culto Divino, *Eucharistiae participationem*, Carta circular às Conferências Episcopais, 27 de abril de 1973 (sobre as orações eucarísticas do Missal Romano): AAS 65 (1973) 340-347].

³⁸ Cf. ainda OLM 38; IGMR 38.

³⁹ Cf. *Diretório para missas com crianças* 23.

Todos, enfim, devemos recordar que as “*mutationes*” da reforma litúrgica exigem “nova consciência e maturidade espiritual”, tanto dos ministros, como dos fiéis o que se adquire somente com preparação, com empenho, com disposição interna e externa⁴⁰.

5. Comentários e breves exortações

Os comentários e breves admoestações são elementos utilizados na liturgia com vistas a chamar a atenção para um determinado gesto ou palavra ou para aumentar a compreensão daquilo que se está celebrando. Em alguns casos eles são tão importantes que chegam a iluminar todo um rito ou oração.

Muito utilizadas nos ritos orientais, mas também presentes na liturgia ocidental, as admoestações cabem sobretudo ao diácono, especialmente encarregado de manter a atenção de toda a assembléia, em particular nos momentos mais importantes da liturgia. Nos documentos sobre a eucaristia, porém, comenta-se muito mais as admoestações a cargo do presidente da celebração, que não aquelas do diácono e dos outros ministros, dando prova da quase total ausência entre nós da função diaconal.

Entre as admoestações que pertencem ao diácono, na liturgia eucarística ocidental, contam-se aqueles avisos que têm por finalidade levar a assembléia à uniformidade nos gestos e posições do corpo que tanto auxiliam a celebração⁴¹.

Já ao presidente da celebração são confiadas muitas exortações: introduzir fiéis na missa do dia, na liturgia da palavra, na oração eucarística e encerrar toda a ação sagrada antes da despedida. É também tarefa do sacerdote que preside a assembléia, dirigir a oração universal⁴².

Mas não somente o diácono e o padre dirigem admoestações e comentários à assembléia eucarística; elas podem ser feitas por outros ministros, como o comentador⁴³. E também se permite às mulheres lerem os avisos ou didascálias⁴⁴.

⁴⁰ Cf. *Dominicae Cenae* 9; *Vicesimus quintus annus* 8.

⁴¹ Cf. IGMR 43. 94. 171d. 181. 185. 239.

⁴² Cf. *Ibid.* 13.31.43.71; *Liturgicae instaurationes* 3f; *Diretório para missas com crianças* 23; *OLM* 38.42.43; *Eucharistiae participationem* 8.14.17.

⁴³ Cf. IGMR 105b.

⁴⁴ Cf. *Liturgicae instaurationes* 7d. Este texto afirma que as mulheres devem ler tais admoestações. Melhor seria dizer que elas profiram ou comuniquem estas didascálias à assembléia,

6. Procura incessante do bem dos fiéis

O bem dos fiéis é aspecto que deve ser levado em conta na organização de qualquer celebração litúrgica, em particular, na organização da celebração eucarística. A recomendação no sentido de se ter em conta “o bem espiritual dos fiéis” ou simplesmente “o bem dos fiéis” nos mostra que hoje a preparação da celebração não é algo que interessa somente a quem a preside ou, no máximo, ao círculo estreito de seus ministros, mas deve ser organizada considerando-se o bem de toda a assembléia⁴⁵.

O cuidado e atenção pelo bem geral do povo de Deus deve manifestar-se até em questões muito práticas como, por exemplo, o não permitir que se desenvolva contemporaneamente numa mesma Igreja duas celebrações litúrgicas que chamem a atenção do povo a coisas diversas, sobretudo em se tratando da missa. Tal coisa é evitada com o uso das concelebrações⁴⁶. Por outro lado, é muito importante que o ato litúrgico da comunidade jamais seja incomodado pela ação de fotógrafos⁴⁷. Também no caso de missas transmitidas por rádio ou televisão, deve-se cuidar para que a participação dos fiéis nunca seja prejudicada. Afinal, toda e qualquer ação litúrgica deve se realizar com tal cuidado e decoro, a ponto de se tornar “exemplo de celebração do sagrado mistério segundo as leis da renovação litúrgica”⁴⁸.

7. O acolhimento do povo na porta da igreja

Elemento não muito explorado em nossas liturgias, mas que têm demonstrado grande eficácia naquelas comunidades que dele fazem uso, é o gesto simples mas significativo de alguns membros da equipe de celebração

naturalmente após uma conveniente preparação, o que pode concorrer para uma celebração rica em espontaneidade e cheia de sentimentos. Cf. ainda: OLM 15.19; *Diretório para missas com crianças* 47.54.

⁴⁵ Cf. IGMR 352. 385. Invoca-se ainda o bem pastoral dos fiéis na preparação geral da celebração eucarística (*Liturgicae instaurationes* 3; *Eucharistiae participationem* 13; *Paschalis sollemnitatis* 63), quando é possível escolher algumas leituras da missa (cf. OLM 88) e no profundo respeito que o ministro deve sempre devotar aos vários participantes da ação sagrada da assembléia (cf. *Dominicae Cenae* 9).

⁴⁶ Cf. *Eucharisticum Mysterium* 17.

⁴⁷ Cf. *Ibid.* 23.

⁴⁸ *Ibid.* 22.

acolherem os fiéis que vêm à missa, na porta da igreja, dando-lhes as boas vindas no limiar da casa da comunidade cristã.

Com pesar constatamos que, sobre esta prática, os textos pós-conciliares sobre a eucaristia emudecem completamente. Contudo, trata-se de um elemento rico de simbolismo e expressão. Acolher os fiéis na porta da igreja significa, em primeiro lugar, reconhecer o valor de cada um, manifestando que todos, sem exceção, são importantes diante de Deus e da Igreja. Em segundo lugar, significa representar a nível espacial o conceito teológico de que, para a celebração da assembléia litúrgica, é sempre Deus quem convoca o povo, sendo Cristo aquele que acolhe e se une aos fiéis para, com eles, elevar ao Pai o seu supremo culto ofertorial.

Na medida em que acolhemos o irmão para a celebração estamos sendo nada mais que instrumentos de Cristo neste acolhimento. Acolher os fiéis na porta do edifício de culto, além de denotar boa educação (sempre recebemos os que nos visitam à porta), pode constituir-se numa ótima oportunidade para se realizar pessoalmente um apelo em vista da participação intensa e viva de cada um na assembléia por meio da resposta às orações e intervenções do presidente e do canto que une toda a comunidade. Em todo caso, trata-se de um gesto muito significativo, que deve ser mais bem valorizado pelas assembléias litúrgicas.

Ao contrário do que se poderia pensar, porém, não se trata de tarefa fácil. Envolvendo contato direto e diversificado com o público, nem todos possuem os dotes necessários para executá-lo. Atender pessoas na porta da igreja é função que exige grande humildade e simplicidade, espírito de sacrifício, alegria verdadeira, abertura para com o desconhecido e o inesperado e, sobretudo, amabilidade nos gestos e constante afeição diante do outro. Uma pessoa extremamente nervosa ou que se ressentia facilmente com ofensas e possíveis reações críticas, deveria exercer na assembléia litúrgica outros serviços, diversos da acolhida fraterna dos irmãos.

CONCLUSÃO

Conforme vimos ao longo destas páginas, a organização de uma celebração litúrgica é tarefa que obriga a intervenção e o cuidado de inúmeros elementos. Assim, cada vez que nos propomos celebrar, é necessário no-

vamente preparar e montar a liturgia, pois ela não se apresenta já pronta, mas precisa se inculturar à índole dos vários povos e culturas e aderir ao tecido próprio de cada comunidade.

Nós que sonhamos com uma celebração da eucaristia profunda, animada, consciente e viva, estejamos certos que ela somente nos resultará assim se nos organizarmos para tal, devotando bom-gosto, espírito artístico, carinho, amor e tempo suficiente à sua preparação. Trata-se de uma tarefa não fácil, mas perfeitamente factível e em si mesma profundamente prazerosa e, de modo particular, capaz de revelar o grau de importância que temos ou não temos dado às coisas de Deus em nossa vida.

A celebração litúrgica cristã que se dá por «signia sensibilia» (SC 7), «per ritus et preces» (SC 48; cf. n. 21), busca atualizar no aqui e no agora de nossas exigências o Mistério Pascal de Jesus Cristo. Para isso são postos à nossa disposição, sempre em referência ao aspecto específico da liturgia, uma pluralidade de linguagens e de códigos de imenso valor simbólico. É necessário, pois, que a cada vez saibamos lançar mão, com criatividade e competência, deste inestimável tesouro oferecido a nós pela madre Igreja como que em vasos de barro.

O serviço de organização e montagem de uma celebração litúrgica se insere naquele mesmo mistério que leva a comunidade eclesial, peregrina nesta terra, a dedicar tempo e afeição à execução de obras de arte e à construção de edifícios para o culto cristão. Deixemos pois que um texto litúrgico, usado em semelhantes circunstâncias, conclua estas nossas breves considerações:

*Vós nos concedeis construir esta casa visível,
onde sempre acolheis
a vossa família peregrina.
Nela, de modo admirável,
simbolizais e realizais vossa união conosco.
Na verdade, nós somos a vossa casa
e, na unidade do Corpo de Cristo,
fazeis crescer a Igreja, presente no mundo inteiro,
até atingir a plenitude da paz,
na Jerusalém celeste.*

(*Missal Romano*, 2º prefácio para a Dedicção de uma igreja).

Pe. José Raimundo de Melo, SJ.

Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

BIBLIOGRAFIA

A.CHUPUNGCO, *Liturgias do futuro*, pp. 60-105

SILVA J.A., *O Movimento Litúrgico no Brasil*. Estudo histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.